



## Educação religiosa cristã da primeira infância na perspectiva de Comenius

Early childhood religious cristhian education in the perspective of Comenius

Edson Pereira Lopes \*

### Resumo

No estudo de Philippe Ariès observou-se que a partir do século XVII, houve uma crescente ênfase na instituição escolar que propunha a substituição da família, por profissionais da educação, no ensino dedicado à criança, que de depreciada, começava a receber destaque e se tornava figura central na família. A criança de filho passou a ser intuída como aluno e percebida como criança-aluno. Nesse contexto, Comenius, Pai da Pedagogia Moderna, um apologista da instituição escolar, ao propor sua organização escolar, inicia pela escola materna e denomina-a de “escola da infância”, o que demonstra claro entendimento, de que o espaço familiar era uma das classes escolares essenciais em sua proposta de reformar e organizar a instituição escolar, uma vez que, dela dependeria todas as demais classes. Aos pais-professores era indispensável prover manuais para que soubessem ensinar a criança-aluno. No atendimento dessa demanda é que Comenius escreveu suas obras pedagógicas, dentre elas, *A escola da infância*, que delimita o presente artigo e, que por sua vez pretende identificar os conteúdos da educação religiosa cristã, a serem ensinados às crianças de zero a seis anos.

**Palavras-chave:** Educação religiosa cristã. Pais-professores. Educação da primeira infância. John Amos Comenius. Família. Escola.

### Abstract

According the study by Philippe Ariès it was noticed that from the XVII century on there was a growing emphasis in the kind of school institution that proposed the substitution of the family for professionals of the education. The child ceases to be depreciated and starts being valued, becoming the central figure within family. The son also came to be intuited as a student and perceived as a child-student.. In this context, while proposing his school organization, Comenius, Father of the Modern Pedagogy, an apologist of the school institution, begins from the motherly school. Named by him of “school of the childhood”, which demonstrates clear understanding that familiar space was one of the school essential classes in its proposal of reforming and organizing the school institution. In order to attend such demand, Comenius wrote some pedagogic works, among them "The school of the childhood", that delimits the present article and intends to identify the contents of the religious Christian education to be taught to children from birth to six years old.

**Keywords:** Religious Christian education. Parents-teachers. Education of the early childhood. John Amos Comenius. Family. School.

---

Artigo recebido em 14 de março de 2013 e aprovado em 16 de setembro de 2013.

\* Doutor em Ciência da Religião. Professor no Mestrado de Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. País de origem: Brasil. E-mail: enttlopes@gmail.com

## Introdução

A partir da proposição do assunto norteador deste artigo, constatou-se que termos como “educação infantil”, “educação da infância” e outros relacionados diretamente às relações da criança com a família foram e são temáticas perseguidas, que despertam intensos debates, no decorrer da história das mentalidades ou das ideias, principalmente, desde os séculos XVI, sobretudo, no XVII, até os dias atuais. Tais debates indicam que a reflexão em torno da infância e nos termos de Philippe Ariès (2006, p. xxi) em sua obra pioneira, no início dos anos 60 (BOTO, 2002, p. 12), *História social da criança e da família*, para quem não há um dossiê fechado, estava apenas se iniciando. Ou mesmo, na consideração da obra de um dos críticos de Ariès, Colin Heywood em, *Uma história da infância*, pode-se ler: “a fascinação pelos anos da infância é um fenômeno relativamente recente, pelo que se pode deduzir a partir das fontes disponíveis.” (HEYWOOD, 2004, p. 10).

Somado a isso, termos em construção como “educação religiosa”, “educação teológica” e “educação cristã” são debates desafiadores para os dias atuais (LOPES, 2011) e por causa da complexidade deles, requerem estudos detalhados, mas por diversas razões não podem ser trabalhados aqui, uma vez que, a preocupação deste artigo não é debatê-los e, sim, sublinhar, no pensamento do educador tcheco do século XVII, sua ênfase na educação religiosa cristã como foco na primeira infância. Para tanto, delimitou-se a presente reflexão à obra de João Amós Comenius: *A escola da infância*.

### 1 Circunstâncias da publicação

*A escola da infância* surge numa fase de Comenius marcada pelo início da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e pelo massacre da Boêmia e Morávia, na Batalha da Montanha Branca, ocorrida em 1620, em que a população tcheca diminuiu em 80% e muitos foram presos para tortura e violência e tantos outros

para a morte. (CAPKOVÁ, 1993, p. 119). A Boêmia foi completamente devastada e a esperança de que o príncipe protestante Frederico V (1596-1632) conseguisse reedificá-la, tornou-se impossível, pois o monarca foi desamparado pelos príncipes protestantes que observaram passivos a destruição daquele país.

Angustiado com estes acontecimentos e perseguido, tornou-se o embaixador de seu povo e realizou várias viagens para buscar asilo para os Irmãos Morávios e procurar forças opositoras, entre os protestantes, à recatolização da Moravia. (PÁNEK, 1991, p. 29). Comenius entregou-se às suas intensas obras literárias, tendo a esperança de que as guerras acabassem logo e a Boêmia renascesse das cinzas pela introdução de um adequado sistema educacional, pois, a educação seria o meio para alcançar a paz, por fim a guerra e à degeneração do ser humano. (COMENIUS, 1997, p. 25-27).

Com esta esperança Comenius escreveu o *Labirinto do mundo e o paraíso do coração* (1623), que serviu de consolo aos exilados Morávios, os quais no seu triste êxodo cantavam: “Nada conosco levamos, pois nada temos: só a Bíblia de Králice, e o Labirinto do Mundo.” (COVELLO, 1999, p. 48-49).

O *Labirinto do mundo e o paraíso do coração* está composto de 55 capítulos, dividido em duas partes: a primeira descreve o ludíbrios e as vaidades do mundo, os quais conduzem ao pranto; a segunda retrata os bem-aventurados que abandonam o mundo para viver com Deus. (COMENIUS, 2010, p. 15). O texto se fundamenta na alegoria de um peregrino que tinha a finalidade de buscar a profissão que poderia lhe trazer maior tranquilidade e felicidade. Em sua jornada encontra o seu guia, de nome Ubíquo e mais adiante, encontra Mámeni, que em tcheco significa: “Engano”. Estes são os companheiros do peregrino em sua viagem pelo mundo. O Engano coloca nos olhos do peregrino, óculos por meio do qual ele enxergará todas as coisas. Eles eram feitos de vidro da “Opinião”, e a sua armação era de um chifre, denominado Costume. Os três dispõem-se à viagem. Chegam ao Castelo da Fortuna, onde encontram a residência da Rainha da Sabedoria e as classes sociais, constituídas de: doméstica, operários e industrialistas; eruditos,

sacerdotal; administradores e governantes do mundo e a classe dos nobres e guerreiros.

Após sua viagem, a esperança do peregrino se esvai: “Vejo que em lugar da justiça reina a injustiça, e em lugar da santidade a abominação.” (COMENIUS, 2010, p. 23). “Já vejo que no mundo haverá nada melhor! Ai de mim [...]. Prefiro mil vezes morrer a estar aqui e olhar a iniquidade, falsidade, mentira, ilusão e crueldade. A morte já me é mais desejável do que a vida”. (COMENIUS, 2010, p. 131).

Em *O Labirinto do mundo*, explicitou-se o triste quadro daqueles dias. Porém, ainda que Comenius almejasse encorajar aos que sofriam as tribulações das guerras, o ânimo neste enfrentamento se fundamentaria no interior do coração do fiel, vivenciada com o transcendente de forma intensa e inefável. É no interior do coração que se recebem os ensinamentos do Criador e se colecionam riquezas interiores; não anseia por glória e honrarias; não faz conta das opiniões humanas que geralmente amam o que é digno de repulsa e sentem repulsa pelo que vale a pena amar. Como resultado desta união, o fiel torna-se inabalável e não se desvia do seu propósito de ser fraterno com todos os homens.

Não é difícil associar o encorajamento em *O Labirinto do mundo* com a esperança de reconstrução da Morávia com a *Didática tcheca*. Ela foi escrita em 1627 e continha a intencionalidade em reerguer a Morávia. No campo político buscava oferecer resistência à repressão da troca do idioma tcheco pelo alemão. No campo educacional, serviu como um contraponto às propostas educacionais dos jesuítas, que cumpria o Edito de 1624, recatolizar a Morávia.

Comenius se entregou às suas intensas obras literárias, tendo a esperança de que tão logo cessassem as guerras, a Boêmia renascesse das cinzas pela introdução de um adequado sistema educacional que se iniciaria pela educação da infância. Então suas obras seriam utilizadas com veemência. Foi com essa motivação que escreveu a *Janua linguarum reserata* [*Porta aberta das línguas*], publicada em

1631, que obteve ampla aceitação na educação europeia e tornou conhecido o nome de Comenius, que acentuou sua preocupação com o ensino do latim. A finalidade pedagógica imediata era fazer com que a criança não permanecesse um estranho face à sua própria língua e obtivesse o domínio da sua língua materna e progressivamente chegasse ao latim.

O ensino deveria despertar a criança com descrições realistas e concretas do mundo. Entretanto, por perceber que muitas crianças não teriam acesso ao objeto de estudo, em 1651, enfatizava o uso das imagens no ensino das línguas. (CAPKOVÁ, 1993, p. 116).

Na concepção comeniana as coisas vistas pessoalmente são aprendidas, mais facilmente do que as ditas: “Será de grande serventia [...] ilustrações pintadas [...] com os quais os sentidos, a memória e o intelecto dos alunos possam exercitar-te todos os dias” (COMENIUS, 1997, p. 218). Comenius (1997, p. 332) ainda afirma: “[...] seria muito útil para a escola materna um livro ilustrado com figuras, que seria entregue às crianças”. Foi com essa preocupação que Comenius escreveu sua obra: *Orbis pictus* (1653) da qual afirmou: “[...] reforçar as impressões das coisas [...]; 2) estimular as mentes ainda jovens [...]; 3) facilitar o aprendizado da leitura. E como acima de cada imagem estará escrito o seu respectivo nome, esse poderá ser o começo da leitura.” (COMENIUS, 1997, p. 332).

Na esperança da restauração da Morávia, o período do exílio em Leszno (1628 a 1641), foi de expectativa pela aproximação do paraíso boêmio, que ocorreria por meio da educação. Por esta razão, segundo Cauly (1995, p. 123) apareceram as suas obras pedagógicas mais fundamentais: *Porta aberta das línguas*; *A escola da infância*; *Didática magna*; *Pampaedia*, dentre outras.

Em adição a esta expectativa, para atender sua situação de professor de crianças e, posteriormente reitor, de uma escola secundária, mantida pelos Irmãos Morávios em Leszno, escreveu: *A escola da infância*, inicialmente intitulada como *Guia da escola materna [Informatorium materské skoly]*. *A escola da infância* foi iniciada em 1630, porém, só foi publicada em 1633, após ter sido traduzida pelo

próprio Comenius para o alemão com o título *Die mutterschule* [Escola materna] e para o latim em 1653 com o título *Schola infantiae*.

Por conseguinte, observa-se que a motivação resultante na escrita da intensa produção literária de Comenio no período que passou em Leszno estava diretamente relacionada com a expectativa de uma reviravolta na situação político-religiosa da Morávia, a qual só seria possível, como ele deixou claro em seus escritos, por meio da educação, iniciada desde a mais tenra idade.

## 2 A valorização da criança no pensamento de Comenius

Há uma valorização da criança em seus escritos, uma vez que o homem não é o modelo da criança, e sim, a criança, o modelo do homem, por conseguinte, o modo pelo qual as crianças são educadas desde pequeninas, afeta a formação de atitudes e comportamentos que terão no decorrer de sua vida (KULESZA, 2011, XXIII, XXIV).

Na *Pampaedia*, Comenius pressupõe que a corrupção universal do mundo começa nas raízes e, portanto, uma reforma universal do mundo deve também começar no mesmo lugar, isto é, na criança. É necessário educá-la para que seja um ser humano instruído nos bons costumes, na cultura e na religião. É este o fim e o objetivo de todas as escolas, especialmente das primárias, e de toda educação; e é precisamente aqui, na infância onde devem ser semeadas suas sementes e lançados os fundamentos (COMENIO, 1992, p. 182, 183).

A reforma universal das coisas depende da primeira educação: “Somos enquanto corpo, enquanto espírito, enquanto costumes, enquanto aspirações, palavras e gestos, conforme nos fizeram a primeira educação e a formação da adolescência.” (COMENIO, 1992, p. 183). Ora, se ocorre assim, é imperativo todo esforço em inculcar na criança as questões morais e espirituais desde a primeira infância, haja vista que, uma vez nelas formadas, estas permanecerão durante toda

a vida. Na atitude oposta ele afirma: “Os vícios da primeira educação nos acompanham durante toda a vida.” (COMENIO, 1992, p. 185, 191).

Está claro que o foco de Comenius é demonstrar a relevância da educação da infância. Ela deve ser levada a sério em qualquer sociedade nas mais diferentes épocas. Deve haver esforço dos pais e educadores a fim de evitarem que as crianças procurem as trevas, mas busquem a luz, daí sua citação de Cícero: “O fundamento de toda República é uma reta educação da juventude.” (COMENIO, 1992, p. 185, 186).

A ênfase no valor da criança como alvo da adequada educação também pode ser percebida em *A escola da infância*, escrita para atender crianças de zero a seis anos (COMENIUS, 2011, p. 15), que mais tarde serviria a Comenius como um roteiro à escrita da sua *Pampaedia*. É prudente este registro para que se saiba que na *Pampaedia*, Comenius aperfeiçoa alguns dos seus pensamentos iniciados em *A escola da infância*.

Os leitores deste artigo que tiveram acesso a *Pampaedia* percebem que ela é a quarta parte de *De rerum humanarum emendatione consultatio catholica* [A consulta universal para a reforma dos assuntos humanos] e foi escrita bem depois (1642-1648) de *A escola da infância*. Por conseguinte, o presente artigo, mesmo que faça uma citação ou outra da *Pampaedia* tem seu foco em *A escola da infância*, isto é, “esta é relativamente uma pequena obra, mas, comenianamente, podemos considerá-la a criança do que viria a se tornar sua grande contribuição para a teoria e prática da educação.” (KULESZA, 2011, XVII).

Nos primeiros capítulos de *A escola da infância* Comenius busca conscientizar os pais quanto à importância da educação dos seus filhos: “As crianças são um inestimável tesouro para Deus e que o mesmo deveria suceder com seus pais.” (COMENIUS, 2011, p. 3).

Os filhos devem ser alvo da adequada educação pelas seguintes razões:

### a) Razões de ordem religiosa

Kulesza (2011, XXVIII) sublinha que a maioria dos críticos contemporâneos de Comenius classifica-lhe como bíblico. Esta crítica não é nova, pois, desde que apresentou sua primeira versão da *Didática magna* ao seu amigo Hübner, o amigo solicitou-lhe que extraísse tudo o que era religioso de sua obra (COMENIUS, 1997, p. 5-7, 9). Piobetta (1952) na tentativa de retirar o religioso do pensamento comeniano, faz uma tradução da *Didática* que em muito difere do real pensamento de Comenio. É complexo tentar extrair o religioso do pensamento pedagógico de Comenio pois ele mesmo assinala a relevância de se compreender o ser humano em sua integralidade, e para ele, o religioso faz parte da essência humana (CAPKOVÁ, 1993, p. 125). Lopes em suas obras com data de 2003 e 2006 destaca a impossibilidade da distinção entre a religião e a pedagogia no pensamento comeniano e, mais, segundo Lopes tal tentativa pode resultar na incompreensão do conceito de educação proposto pelo Pai da pedagogia moderna.

Por causa de sua consciência religiosa, Comenio ensina a importância das crianças, a partir de passagens bíblicas do Antigo e do Novo Testamento, nas quais demonstram o valor que o Criador dá a elas, visto que elas são sementes de Deus e através dos quais se manifesta a geração divina. Além disso, a encarnação de Deus em seu Filho, pela via de uma criança, é reveladora de uma concepção de infância feliz e prazerosa, e mais o próprio Cristo, ao tomar em seus braços as crianças testifica sua importância para o Criador (COMENIUS, 2011, p. 2). Segundo Comenio, “as crianças são os bens mais puros e queridos possuídos por Cristo, que veio a todos salvar.” (Comenio, 2011, p. 3).

### b) Razões de ordem histórica

A fim de elucidar a importância da criança por meio da história, Comenio faz referência a Felipe Melanchton, que ao visitar uma escola popular de seus dias se referiu aos estudantes com as seguintes palavras: “Salve, respeitáveis padres, doutores, licenciados, bispos! Salve nobilíssimos, prudentíssimos, celeberrimos,



sapientíssimos senhores cônsules, ministros, juizes, governadores, chanceleres, professores, etc.” (COMENIUS, 2011, p. 2). Após suas palavras, Melancthon percebeu que muitos deles sorriam, então disse: “Não estou brincando, estou falando muito sério. Eu não olho para essas crianças tais como elas são agora [...], certamente dessa classe irão aparecer futuros líderes.” (COMENIO, 2011, p. 3).

### *c) Razões entrelaçadas aos bens da família*

Os filhos são mais importantes do que o ouro, a prata, que pérola e joias. Todas estas coisas são inanimadas, enquanto as crianças são imagens vivas de Deus vivo (COMENIUS, 2011, p. 4). O ouro e a prata são coisas mutáveis e efêmeras, crianças são heranças imortais. “Ainda que elas possam morrer, não retornam ao nada e nem desaparecem, elas passam da morada mortal para o reino imortal.” (COMENIUS, 2011, p. 4). “O ouro e a prata passam de mão em mão, como se não pertencessem a ninguém e de todos fosse, já as crianças, por vontade divina, estão tão entrelaçadas aos bens da família [...]” (COMENIUS, 2011, p. 5). Na questão dos bens que as crianças trazem à família afirma Comenio: “[...] a vida do homem não é assegurada por seus bens [...]. Já as crianças e suas famílias são sempre acompanhadas de bênçãos para sua proteção.” (COMENIUS, 2011, p. 5).

Portanto, as crianças são consideradas no pensamento comeniano como seres valorosos e maravilhosos. Mais importantes do que prata, ouro e joias. Sendo assim, os pais e os educadores devem ter o devido cuidado com sua educação desde a mais tenra idade. Infere-se dos ensinamentos de Comenio que sua tônica recai no entendimento de que a criança não deveria ser percebida como adulto em potencial, como questionou Rousseau anos depois, e sim, como um sujeito dotado de particularidades que deveriam ser respeitadas, tendo em conta seu desenvolvimento físico e mental (SEVERINO, 2011, X). Por esta razão Piaget (2010, p. 12) o denominou de precursor do evolucionismo, da psicologia genética e da didática fundamentada no conhecimento da criança.

### 3 Educação religiosa cristã na escola da infância

Os fundamentos para alcançar o conhecimento das coisas, a serem ensinados pelos pais-professores às crianças-alunos de zero a seis anos, constituíam-se nas qualidades essenciais e distintivas do ser humano. Trata-se do saber [*sapere*], do fazer [*agere*] e do falar [*loqui*]. Se estes termos eram fundamentais, segue-se que eles seriam necessários à educação, e deveriam ser ensinados e aprendidos desde a primeira classe escolar, que tinha início no espaço familiar.

Havia necessidade de ensinar as crianças nos primeiros seis anos acerca das coisas *físicas naturais*. A física das crianças recém-nascidas consistia em comer, beber, dormir, digerir e crescer. É no segundo ou terceiro ano de vida que elas começavam a entender cada vez melhor o que era pai, mãe, comida e bebida. E, logo depois, começariam saber, o que era fogo, ar, água, terra, etc. (COMENIUS, 2011, p. 36).

A partir do quarto, quinto ou sexto ano de vida, elas ampliariam seu conhecimento das coisas, sendo capazes de dizer o que significava pedra, areia e barro, o que era uma árvore e as plantas, qual a diferenças entre os animais, os pássaros, e também conheciam as partes exteriores do seu próprio corpo e para que serviam. Para ajudar esse aprendizado, os pais-professores deveriam fazer perguntas tais como: O que é isto ou aquilo? “O que é isto? – Orelha. O que você faz com ela? – Escuto [...]” (COMENIUS, 2011, p. 36).

Somado à física estava a óptica, que se iniciava com a percepção da luz. Os exercícios ópticos do segundo e terceiro anos se fundamentavam em oferecer à sua contemplação pinturas e objetos coloridos. Nesta faixa etária dever-se-ia mostrar a beleza dos mais diferentes seres. A partir do quarto ano de idade, muitas coisas da óptica seriam apreendidas pelas crianças fora de casa, em passeios pelas lavouras, campos, vales e lagos. Também as crianças gostariam de ver figuras dessas coisas

nos livros ou em quadros nas paredes. “Mostrar-lhes essas coisas não lhes deve ser negado, pelo contrário, todo esforço deve ser feito para chamar sua atenção sobre elas.” (COMENIUS, 2011, p. 37).

Ainda na questão do conhecimento, no segundo ou terceiro ano de vida as crianças faziam sua introdução na astronomia, distinguindo o que era o sol, a lua e as estrelas. A partir do quarto e quinto ano, elas podiam saber que a lua às vezes estava cheia, crescente, minguante, etc. No sexto ano elas aprenderiam a distinguir que os dias do inverno eram mais curtos do que o do verão, por exemplo.

O estudo da geografia se iniciava no fim do primeiro ano, no momento em que o bebê começava a diferenciar seu berço do seio materno. Nos segundo e terceiro anos, a criança iniciava a explorar o seu quarto, onde mora, a notar o lugar de comer. Durante o terceiro ano ela incrementava suas noções de geografia e diferenciava espaços como a sala, cozinha, quarto, quintal. No quarto ano, já estaria familiarizado com ruas e praças e no quinto ano já deveria saber o lugar em que nasceu e o que era um campo, montanha, cidade, vila e aldeia.

O conhecimento da história poderia ter seu início, a partir da lembrança do que lhe aconteceu ontem ou há algum tempo. Outras coisas, porém, as crianças aprenderiam pela observação de coisas que ficariam gravadas em sua memória. Todavia, segundo Comenius, as crianças só guardam na memória as coisas que para elas se revestiam de algum valor; neste caso, era necessário cuidar para que elas retivessem as coisas boas; aquelas que contribuía para sua própria virtude. As que fossem contrárias a isso, deveriam ser impedidas de chegar aos seus olhos e ouvidos. (COMENIUS, 2011, p. 39).

Com a preocupação que a criança retivesse na memória somente coisas boas, Comenius sublinhava que ela deveria ser estimulada pelo conto de fábulas que envolvesse personagens e narrativas engenhosas: “Elas adoram ouvir essas histórias e facilmente as guardam na memória” (COMENIUS, 2011, p. 40). Além disso, por meio destas histórias poderiam ser ensinados princípios morais e lições que seriam utilizadas por elas por toda a vida.

Da política, a criança deveria saber quem eram os governantes, legisladores e magistrados e que os cidadãos se reuniam de vez em quando em assembleias. (COMENIUS, 2011, p. 18). Seria bom conversar com ela, sobre quem deveria obedecer e a respeitar, assim ela seria capaz de atender a quem lhe chamasse; a distinguir o sério da brincadeira, de maneira que ela saberia se portar de forma adequada e não seria ridicularizada nas mais diversas situações.

O detalhe neste contexto é que, todos esses ensinamentos, deveriam ocorrer naturalmente durante a convivência familiar. (COMENIUS, 2011, p. 40). Ressalta-se, portanto, a importância da família e o termo “naturalmente” em *A escola da infância*. A família era o principal fundamento da educação nesta fase da vida e nada deveria ser forçado, mas ocorrer naturalmente.

É importante ressaltar que na concepção comeniana, a educação da infância com relação ao ensino não deveria ser estática, e sim dinâmica. Sendo assim, ele enfatizava, a partir da maturação da criança, que ela estivesse sempre ocupada e de forma dinâmica fazendo ou desenvolvendo as coisas. Segundo ele, “as crianças adoram estar ocupadas com alguma coisa porque seu sangue jovem não pode ficar quieto, portanto, em vez de refreá-los, é preciso providenciar para que sempre estejam fazendo alguma coisa.” (COMENIUS, 2011, p. 43).

Eis aí, um lembrete para os educadores que atuavam com esta faixa etária: permitir que as crianças manuseassem tudo, exceto os objetos que pudessem lhe causar danos; que fossem lhes dados brinquedos feitos especialmente para sua idade. “Em uma palavra, tudo de que as crianças quiserem brincar (desde que não seja nocivo) precisa mais ser auxiliado que impedido.” (COMENIUS, 2011, p. 44). A dinâmica da criança não deveria causar estranheza ao professor ou aos pais, mas sim, àquela que tendia a ficar tranquilamente sentada, porque, “correr constantemente e sempre estar fazendo algo é indício de saúde e vivacidade.” (COMENIUS, 2011, p. 45). Porém, na ocorrência do exagero, ela deveria ser chamada e ensinada como. (COMENIUS, 2011, p. 45).

No primeiro ano, com foco no fazer, as crianças aprenderiam *mecânica*, isto é, a abrir a boca para receber o alimento, mover os olhos, sentar, ficar em pé, etc. “Tudo isso será realizado naturalmente, sem especial empenho” (COMENIUS, 2011, p. 44). No segundo e terceiro anos as práticas mecânicas seriam mais fecundas. Elas começariam a jogar, a levar algo de um lugar para outro, levantar, derrubar, instalar, virar, dobrar, etc. “Tudo isso lhes deve ser concedido, mostrando-lhes antes como se faz na primeira oportunidade que surgir” (COMENIUS, 2011, p. 44). No quarto, quinto e sexto anos as crianças precisam ser exercitadas na pintura e na escrita. Devia-se fornecer giz ou carvão para elas desenharem à vontade, atividades pontilhadas para que elas liguem pontos com pontos. “Assim, se acostumarão a segurar o giz com a mão e a formar letras, perceberão o que é ponto ou linha, o que posteriormente facilitará enormemente a tarefa do professor” (COMENIUS, 2011, p. 45), pois, tal dinâmica colaboraria à esperteza da criança, a qual utilizaria a razão e exercitaria com isso os princípios da dialética que seriam aperfeiçoados e aguçados por meio de perguntas, de maneira que elas mesmas procurassem as respostas.

No uso da aritmética era importante que elas fizessem contas e soubessem que um número era maior e outro menor. Ela poderia ser dada a partir do terceiro ano, quando as crianças começassem a pronunciar os números corretos. “Avançar mais do que isso na Aritmética será inútil e até mesmo prejudicial, pois, não há nada mais difícil de reter em nossa mente do que os números” (COMENIUS, 2011, p. 46). Na geometria, que elas começassem a entender o que era grande, curto, cumprido, fino, grosso, etc. Por fim, que as crianças aprendessem música. Segundo García (1993, p. 79), Comenius se revelou como teórico e educador musical; foi um compositor de músicas preocupado com a educação estética e a sensibilidade humana: “Comenio se propunha a alcançar em todos os níveis de escolaridade um estreito contato com a música e o canto” (GARCÍA, 1993, p. 81). Comenius propunha que as crianças soubessem de memória algumas estrofes de hinos ou salmos; que aprendessem desde crianças a se familiarizar com algum ofício (COMENIUS, 2011, p. 19). “A partir do terceiro ano a música sacra deverá fazer parte de seu cotidiano, por exemplo, quando há o costume de cantar antes ou

depois da refeição, no início ou no fim das preces” (COMENIUS, 2011, p. 47). Sua tônica na música como um recurso educacional pode ser lida nas suas palavras:

Cantando e mesmo brincando com as crianças [...] sem maiores dificuldades, podem inculcar-lhes [...], pois sua memória fica maior e mais rápida por causa do ritmo e da melodia, e assim, elas assimilam muitas coisas de maneira mais fácil e alegre. Quanto mais canções as crianças lembrarem, mais estarão satisfeitas consigo mesmas, e através de seus lábios, aumentarão a glória de Deus. Abençoada seja a casa onde ressoam os sons da música de Davi.

Para finalizar os aspectos gerais da educação, é imprescindível saber que Comenius ensinou que a distinção dos homens com os animais estava na razão e na fala. O homem necessitava da razão para si mesmo e da fala na tratativa com o próximo. Ambas, porém, precisavam ser cuidadas igualmente para que a mente do homem, fosse bem formadas. A formação da linguagem ocorria pela gramática, a qual nos primeiros seis anos consistia em que as crianças soubessem expressar tudo que sabiam sobre as coisas, ainda que imperfeitamente, porém, de forma clara, de modo que elas pudessem compreender o que falavam. Dever-se-ia aperfeiçoar a retórica e a poética. Na retórica deveriam ser cultivadas nas crianças gestos naturais e a imitação dos outros e na poética enfatizava a recitação de memória de alguns versos ou rimas. (COMENIUS, 2011, p. 20).

Assim sendo, é imperioso ressaltar que em Comenius não se pode fazer uma distinção, de certa ultrapassada, entre conhecimento religioso e não religioso, pois, para ele, o conhecimento se fundamenta em três pilares indissociáveis: o ensino, a piedade e a moral. Foi visto o ensino; agora se deve compreender a piedade a moral

Na análise das obras *Didática magna*, *Pampaedia* e em *A escola da infância*, fica claro que havia preocupação com o ensino e com o conhecimento; entretanto, não só eles formavam o seu conceito de educação: “Nós ousamos prometer uma Didática Magna, ou seja, uma arte universal de ensinar tudo a todos [...] para conduzir à verdadeira cultura, aos bons costumes, a uma piedade profunda.” (COMENIUS, 1997, p. 13).

Lopes (2006) assinala que o conceito de educação de Comenius se alicerçava em três fundamentos indissociáveis: ensino, moral e piedade. Em sua compreensão, a partir da concepção da indissociabilidade dos três termos já referidos é que se podia compreender o conceito de educação comeniano (LOPES, 2003, p. 179). Ele ainda sublinha que a piedade era um dos princípios fundamentais na reforma da instituição escolar. (LOPES, 2003, p. 179).

Como não poderia ser diferente, em *A escola da infância* podem ser lidas as palavras:

é preciso perseguir três objetivos na educação da juventude: 1) *Fé e devoção*; 2) *Bons costumes*; 3) *Conhecimento das línguas e artes*. E isso na ordem aqui proposta e não o inverso. *Primeiro, deve-se exercitá-los na fé*, depois, *na moral e nos costumes* e por fim, *nas coisas práticas*. E quanto mais cedo puderem ter proficiência nestas últimas, tanto melhor. A casa em que os jovens são educados com base nessas três orientações é como um paraíso, no qual as plantas celestes são regas, crescem, verdejam e florescem; uma oficina do Espírito Santo onde se fabricam e burilam os recipientes de misericórdia e utensílios de glória, em cada um dos quais, como imagem viva de Deus, brilha todo o fulgor de sua eterna e infinita potência, sabedoria e bondade. Bem-aventurados os pais desse paraíso! (COMENIUS, 2011, p. 9).

Por conseguinte, se a fé, que em Comenius configura-se como sinônimo de piedade era fundamental no entendimento do seu conceito de educação, era natural que o ensino na primeira infância se iniciasse por ela, haja vista, se tratar da primeira classe escolar da qual dependiam as demais e tinha como principal foco educacional o cuidado com a alma imortal da criança, que era a parte mais importante do ser humano: “[...] carece primeiro cuidar da alma, a parte mais importante do homem.” (COMENIUS, 2011, p. 8).

### 3.1 Ensino da piedade

A piedade foi definida pelo educador tcheco como dom ou presente de Deus dado ao homem por obra do Espírito Santo. (COMENIUS, 1997, p. 271). Isso significa que, por se tratar de uma graça de Deus dever-se-ia pedi-la para que o Espírito Santo a concedesse, caso ele desejasse. Ela foi compreendida como ter o

coração “impregnado pelo reto sentimento no que se refere à fé e à religião – saber buscar Deus em toda parte [...] segui-lo por onde quer que tenha estado, fruí-lo onde quer que seja encontrado.” (COMENIUS, 1997, p. 271).

Vivencia-se a piedade quando: “Seguimos Deus quando nos entregamos completamente à sua vontade fazendo e portando qualquer coisa que lhe pareça boa.” (COMENIUS, 1997, p. 271, 272). Além disso, a piedade implicava em: “quando nos aquietamos em seu amor e em sua graça, não havendo nada, no céu e na terra, mais desejável que Deus, nada mais agradável do que pensar nele [...], de modo que nosso coração se consuma em amor.” (COMENIUS, 1997, p. 272).

Ainda que não se tenha condições para medir a intensidade do sentimento que dominou o coração de Comenius ao escrever estas palavras, percebe-se que há um tom de envolvimento emocional significativo que demonstra em seus dizeres quão relevante era a piedade à reforma da educação. Isso justificava suas palavras ao se referir a ela como algo a ser ensinado pelos pais-professores às crianças-alunos de zero a seis anos, na primeira classe escolar, a saber, a escola da infância: “[...], antes de tudo, os pais devem cuidar para que seus filhos sejam imbuídos da verdadeira piedade [...] Sem tal piedade, o conhecimento e os costumes, por mais apurados que sejam, fazem mais mal do que bem.” (COMENIUS, 2011, p. 65).

Para as crianças na idade de um a dois anos de vida, visto que a razão

ainda se encontra profundamente enraizada, pouco se pode fazer nesse assunto além do que já efetuou através da natureza e de sua graça interior: o que se pode fazer é cumprir na presença delas nossas obrigações [...] para assentar os princípios da piedade. Conquanto não possamos ensinar piedade aos recém-nascidos, podemos em vez disso aprimorá-la sendo piedosos com eles, lançando neles os alicerces da piedade por meio de preces ao santo batizado Cristo Redentor e rogando por eles ao douto Espírito Santo. (COMENIUS, 2011, p. 66).

O batismo infantil era essencial nos primeiros anos de vida da criança, por que por meio dele os pais-professores se comprometiam a ensinar seus filhos-



alunos as coisas dignas de ser humano criado à imagem e semelhança de Deus: “[...] prometerão piamente que [...] eles afastarão de todas as vaidades do mundo, da corrupção da carne, e que o educarão piedosamente para a glória de Deus.” (COMENIUS, 2011, p. 67).

A partir do segundo ano de vida os pais-professores deveriam iniciar o ensino da piedade, uma vez que a partir do segundo ano sua razão começava a desabrochar e distinguir as coisas. “Nesse momento não faltarão oportunidade para paulatina e gradualmente, exercitá-los na piedade.” (COMENIUS, 2011, p. 67).

À luz das suas palavras pode-se indagar: como? O próprio Comenius responde:

quando os filhos mais velhos orarem ou cantarem antes e depois das refeições, habitue as crianças a fazer silêncio, a ficar quietas sentadas ou em pé, a ter as mãos postas e mantê-las assim. Elas se acostumarão rapidamente a isso se os outros se anteciparem a elas, dando-lhes sempre bom exemplo, mantendo as mãos postas nessa hora. (COMENIUS, 2011, p. 67).

Observa-se que há um destaque na associação entre oração e alimento: “Será útil também, conforme a razão da criança for progredindo, acostamá-la a, toda que vez que pedir comida, primeiro dizer sua pequena prece.” (COMENIUS, 2011, p. 68). Depois disso, aos dois anos e dois meses começar-se-ia a ensinar o *Pai Nosso*, “não de uma vez, mas começando pela primeira súplica durante uma semana; diariamente, de manhã e à tarde, faça com que a repitam uma ou duas vezes.” (COMENIUS, 2011, p. 68). Se essa metodologia fosse aplicada pelos pais-professores ela seria mais útil do que se fosse apenas citado seu conteúdo aos filhos-alunos, de maneira que no final dos dois anos eles a teria gravado na memória.

Além do descrito acima, para incutir a piedade, os pais-professores poderiam apontar ao céu com o dedo, mostrando a criança-aluno que ali se encontrava Deus, criador de todas as coisas, o qual providenciava comida, bebida e roupa. Assim, ela entenderia que tudo dependia de Deus (COMENIUS, 2011, p.

68). Feito isso, “será necessário inteirar a criança da *Doutrina cristã*, de modo que antes do fim do terceiro ano (ou do quarto, para as mais lentas), nela esteja calejado.” (COMENIUS, 2011, p. 68).

Em termos metodológicos, Comenius ensinava que isso não seria difícil se a criança-aluno recitasse diariamente, pela manhã e à tarde, os primeiros princípios da doutrina, e aos poucos aprendesse os demais pontos doutrinários: “Toda vez que a criança começar um novo artigo, pode-se repeti-lo depois das preces pelo tempo necessário para que ela conheça bem as palavras.” (COMENIUS, 2011, p. 69).

Seria, igualmente, o momento de falar de Deus de diferentes maneiras: “Por exemplo, mostrando-lhes o céu, *Deus mora lá*; mostrando o sol, *Com ele, Deus nos ilumina*; quando troveja, *Assim Deus se zanga com os maus etc.*” (COMENIUS, 2011, p. 69), “tudo isso para instilar-lhes continuamente na mente a lembrança de Deus.” (COMENIUS, 2011, p. 69).

Aprendido a doutrina cristã, a criança-aluno deveria ser iniciada no *Decálogo*, e a metodologia deveria ser a mesma, isto é, passo a passo, e não de uma vez só. “Por exemplo, o primeiro mandamento diariamente, após as refeições e à tarde, durante uma semana. Depois o segundo por duas ou três semanas.” (COMENIUS, 2011, p. 70), já que era o mais o longo; do terceiro ao nono, por duas semanas. Por fim, o décimo. Assim, após saber todo o Decálogo, dever-se-ia repeti-lo diariamente e na íntegra.

Vale ressaltar que Comenius fez questão em deixar explícito que os pais, não só eram os responsáveis em prover educação aos seus filhos, e sim, que eles próprios eram os professores dessa classe escolar ao dizer: “Quando o menino já recita sozinho, o pai, a mãe [...] deve corrigir seus erros e ajudá-lo em suas hesitações.” (COMENIUS, 2011, p. 70).

No quinto ano, para exercitar a piedade, deveria introduzir uma oração vespertina, quando ele a aprendesse, acrescentar-se-ia uma matutina. Estas

orações seriam regadas de pedido de bênçãos e de agradecimentos, inclusive pelo alimento. Além disso, no quinto e sexto anos poder-se-ia, para que aprendessem mais facilmente as coisas, cantar músicas que contemplassem os conteúdos dos versículos bíblicos (COMENIUS, 2011, p. 71).

Por fim, ressalta-se que havia uma tônica em Comenius em que os pais-professores protegessem seus filhos-alunos do que era mal: “é preciso tomar todo cuidado para que nenhuma maldade ou sujeira, penetrando através dos olhos ou ouvidos das crianças, contaminem suas mentes.” (COMENIUS, 2011, p. 71), daí suas palavras: “Portanto, nada demandará mais cuidado por parte dos pais [...] do que formá-los em todas as coisas e proibir-lhes o acesso às coisas más, vivendo digna e piedosamente e exigindo o mesmo de todos os seus familiares.” (COMENIUS, 2011, p. 72).

Destarte, está claro que a piedade deveria ser incutida nas crianças-alunos, na idade de zero a seis anos, sendo suficiente que soubessem: da existência de Deus; saber que em todo lugar ele observa a todos; para quem o obedece, ele fornece comida, bebida, roupas e tudo o que seria necessário ao ser humano; levava à morte o desobediente e o arrogante; por isso era preciso temê-lo, chamá-lo sempre e amá-lo como ao pai; fazer tudo que ele mandar; se o ser humano fosse bom e honesto ele os levaria aos céus. (COMENIUS, 2011, p. 16). Diante da exposição de que era possível aos pais-professores ensinar os filhos-alunos, o pedagogo tcheco afirmou: “digo que é possível conduzir a tanto as crianças no exercício da piedade durante os primeiros seis anos de vida.” (COMENIUS, 2011, p. 16, 17).

De modo indissociável, à semelhança da piedade, Comenius sublinhou os fundamentos a serem ensinados às crianças até seis anos com respeito aos bons costumes e as virtudes. A respeito desses dois conteúdos escolares, piedade e moral, ele declarou que os conhecimentos do método para ensinar as ciências, as artes e as línguas não passavam de preparação ao saberes mais sublimes: “O estudo da sabedoria que edifica, tornando-nos fortes e magnânimos, enfim, aquilo que até

agora designamos com o nome de moral e piedade.” (COMENIUS, 1997, p. 263). “O mais importante é que a arte de infundir a verdadeira moralidade e a piedade seja estabelecida com correção e introduzida nas escolas, para que estas realmente sejam, como se diz, oficinas de homens.” (COMENIUS, 1997, p. 263).

Das palavras: “introduzidas nas escolas” infere-se que igualmente ele estava se referindo a escola-família. Portanto, ele tinha em mente os pais como professores e os alunos como alunos, já que o seio familiar era a primeira classe escolar.

### 3.2 Ensino dos bons costumes e as virtudes

“Para aprimorar os bons costumes e as virtudes, deve ser inculcado nos pequenos.” (COMENIUS, 2011, p. 17). Essa também era uma atribuição dos pais-professores aos filhos-alunos na escola-família. O autor de *A escola da infância* sublinhava diferentes formas no entendimento e prática dos bons costumes.

Para o propósito dessa pesquisa é necessário apresentar uma síntese do ensino de Comenius (2011, p. 17-21) a respeito dessa temática:

*Moderação*, de modo que bebam e comam conforme sua natural necessidade, sem voracidade e demasia; *Asseio*, para que observem o decoro à mesa, no vestir e no cuidado com o corpo; *Respeito aos superiores*, respeitando seus atos, palavras e desígnios; *Cortesia*, estando sempre prontos a atender aos sinais e aos chamados dos superiores. Em especial é necessário ensiná-los a *falar a verdade*, de modo que se habituem a não mentir; é preciso inculcar-lhes *justiça* para que não furem, nem faça mal a ninguém; é necessário instilar na criança-aluno *bondade e disposição para favorecer os outros*, de modo que sejam amáveis e não mesquinhos ou invejosos; útil *iniciá-los no trabalho* para quem criem aversão à indolência; que os pais-professores os ensinem não só a falar, mas a *ficar em*

*silêncio quando* necessário, como na hora da prece ou quando alguém estiver falando; devem ser exercitados na *paciência* para que aprendam a conter seus desejos; *servir com civilidade e presteza aos idosos*. Essa “é uma qualidade precípua dos jovens, por isso é preciso levá-los a ter esse hábito desde a infância.” (COMENIUS, 2011, p. 18).

Ao se ensinar os princípios dos bons costumes ou moral, desde a primeira idade, a criança-aluno saberia saudar as pessoas, apertar sua mão, dobrar os joelhos, agradecer os presentes, evitar a leviandade ou grosseria e cultivaria a modéstia: “Uma vez iniciada nessas virtudes, será fácil para a criança seguir o exemplo de Cristo e obter a graça de Deus e dos homens.” (COMENIUS, 2011, p. 18).

Expostos como os pais-professores deveriam ensinar seus filhos-alunos na piedade e na moral ou bons costumes, Comenius, de forma análoga, discorreu como esses professores podiam ensinar as demais artes, denominadas por ele de artes liberais. (COMENIUS, 2011, p. 18).

Diante do exposto, Comenius estava convicto de que todos os fundamentos sublinhados acima eram necessários e poderiam ser ensinados de forma gradual e natural às crianças-alunos de zero a seis anos. Entretanto, estava consciente de que o êxito desta primeira classe escolar dependeria do grau de consciência dos pais-professores no desempenho de sua função. Fica estabelecido, portanto, que para Comenius, os primeiros educadores eram os pais ao afirmar que Deus havia dado essa tarefa a eles, os quais repartiam esse privilégio com os professores das demais classes escolares. (COMENIUS, 2011, p. 15).

## Considerações finais

O tema da educação religiosa na primeira infância está longe de ser exaurido, porém, ficou claro neste artigo, tendo como base *A escola infância*, que são indiscutíveis e provocativos os apontamentos de Comenius com relação ao tema em questão.

O teólogo e pedagogo tcheco Comenius demonstrou preocupação com a totalidade das coisas e entendeu o ser humano não como fragmentado, mas como um “micromundo”. Por ser assim considerado, ele não só ressalta o adulto, mas também sublinha o valor do ensino às crianças, de maneira a não admitir que elas sejam esquecidas, pelo contrário, em sua maneira de conceber, elas devem ter uma educação firmada em sua maturação mental e entregues a pessoas competentes, instruídas, e as escolas devem significar lugar de deleite para elas. (COMENIUS, 2011, p. 12).

Como parte da valorização da criança, *A escola da infância*, é antes de tudo, um alerta na busca de conscientizar os pais e responsáveis de que eles são os professores dos seus filhos-alunos, desde a primeira infância, nos ensinamentos escolares que não estão restritos ao conhecimento das coisas, mas que envolve diretamente as questões propostas pelas mais diversas religiões: piedade e moral.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BOTO, C. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JÚNIOR, Moysés (Org.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 11-60.

CAPKOVÁ, D. El legado de Juan Amos Comenio: Rescate y perspectivas. In: AGUIRRE LORA, Georgina Maria Esther (Coord.). **Juan Amos Comenio: obra, andanzas, atmosferas**. México: UNAM, 1993. p. 115-135.

- CAULY, O. **Comenius: o pai da pedagogia moderna**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- COMENIUS, J. A. **Pampaedia: educação universal**. Madrid: UNED, 1992.
- COMENIUS, J. A. **Didática magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COMENIUS, J. A. **O labirinto do mundo e o paraíso do coração**. São Paulo: Comenius, 2010.
- COMENIUS, J. A. **A escola da infância**. São Paulo: UNESP, 2011.
- COVELLO, S. **Comenius e a construção da pedagogia**. São Paulo: Comenius, 1999.
- FREITAS, M.C.; KUHLMANN JÚNIOR, M. (Org.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.
- GARCÍA, R.M. D. De lo musical en la época de Comenio. In: AGUIRRE LORA, Georgina Maria Esther (Coord.). **Juan Amos Comenio: obra, andanzas, atmosferas**. México: UNAM, 1993. p. 79-94
- HEYWOOD, C. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KULESZA, W.A. Apresentação. In: COMENIUS, João Amós. **A escola da infância**. São Paulo: UNESP, 2011. p. XV-XXXI.
- KULESZA, W.A. **Comenius: a persistência da utopia em educação**. Campinas: Unicamp, 1992.
- LOPES, E. P. **A inter-relação da teologia com a pedagogia no pensamento de Comenius**. São Paulo: Mackenzie, 2006.
- LOPES, E. P. **O conceito de teologia e pedagogia na Didática magna de Comenius**. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- PANÉK, J. **Comenio: Maestro de las naciones**. Praga: Východoslovenské Vydavatelstvo, 1991.
- PIAGET, J. Prefácio: a atualidade do pensamento de João Amós Comenius. In: MARCONDES; Martha Aparecida S.; GASPARIN, João L. (Org.). **Jan Amos Comênio**. Recife: Massangana, 2012. (Coleção educadores).
- PIOBETTA, J. B. Introdução e tradução. In: COMENIUS, J. A. **La grande didactique**. Paris: PUF, 1952.
- SEVERINO, J. Prefácio. In: Comenius, João Amós. **A escola da infância**. São Paulo: UNESP, 2011. p. IX-XIV.